

# Uso e diversidade de plantas medicinais em uma comunidade quilombola na Amazônia Oriental, Abaetetuba, Pará

Maria das Graças da Silva Pereira<sup>1\*</sup> e Márlia Coelho-Ferreira<sup>2</sup>

1. Bióloga (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará). Mestre em Ciências Biológicas (Universidade Federal Rural da Amazônia, Brasil).

2. Bioquímica (Universidade Federal de Ouro Preto). Doutora em Ciências Biológicas (Universidade Federal do Pará). Pesquisadora Titular do Museu Paraense Emílio Goeldi, Brasil.

\*Autora para correspondência: [pereiramariabio@gmail.com](mailto:pereiramariabio@gmail.com)

## RESUMO

Diversos grupos sociais apresentam uma íntima relação com as plantas entre eles destacam-se os remanescentes de quilombos. Nesse sentido, a pesquisa foi realizada na comunidade Tauerá-Açu, inserida no Território Quilombola Ilhas de Abaetetuba, tendo como objetivo demonstrar o conhecimento de seus moradores sobre a diversidade das plantas medicinais. Os dados etnobotânicos foram obtidos através de métodos e técnicas usuais em etnobotânica. O universo amostral foi de 34 mães e dois especialistas locais. O material botânico foi coletado e identificado e incorporado aos herbários João Murça Pires (MG) e Marlene Freitas (MFS). Utilizou-se o Índice de Saliência Cultural (ISC) para evidenciar as espécies de maior importância cultural. A diversidade foi calculada utilizando o índice de Shannon-Wiener. Foram registradas 93 etnoespécies, das quais 76 foram identificadas, compreendidas em 68 gêneros e 34 famílias, onde Lamiaceae, Fabaceae e Asteraceae constam como as mais representativas. As plantas mais citadas foram hortelã (*Mentha pulegium*), arruda (*Ruta graveolens*) e boldo (*Gymnanthemum amygdalinum*). A espécie com maior ISC foi *Mentha pulegium* (0,43). O índice de diversidade de Shannon-Wiener ( $H' = 4,14$ ) foi considerado alto em comparação com trabalhos realizados em regiões tropicais. A Comunidade quilombola de Tauerá-Açu apresenta um conhecimento vasto e diverso, no entanto, susceptível a mudanças e perdas, proporcionadas principalmente pela transformação gradual do modo de vida dos jovens.

**Palavras-chave:** Etnobotânica, remanescentes de quilombos, conhecimento, diversidade, Amazônia.

## Use and diversity of medicinal plants in a quilombola community in the Eastern Amazon, Abaetetuba, Pará

## ABSTRACT

Several groups were published in an intimate relation with the plants among them stand out the remnants of quilombos. In this sense, the research was carried in the Tauerá-Açu community, located in the Quilombola Territory of the Abaetetuba Islands, in order to demonstrate the knowledge of its inhabitants about the diversity of medicinal plants. Data were obtained through usual methods and techniques in ethnobotanical studies. The sample universe was comprised 34 mothers and two local specialists. The botanical material was collected and identified in the herbaria João Murça Pires (MG) and Marlene Freitas (MFS). The Cultural Salience Index (CSI) was used to show the species of greater importance. The diversity was calculated using the Shannon-Wiener index. A total of 93 ethnoespécies were recorded, of which 76 were identified, composed of 68 genera and 34 families, where Lamiaceae, Fabaceae and Asteraceae to be more representative. The most cited plants were menta (*Mentha pulegium*), arruda (*Ruta graveolens*) and boldo (*Gymnanthemum amygdalinum*). The species with the highest CSI was *Mentha pulegium* (0.43). The diversity index of Shannon-Wiener ( $H' = 4.14$ ) was considered high in comparison with works done in tropical. The quilombola community of Tauerá-Açu presents a vast and diverse knowledge, however, susceptible to changes and losses, mainly due to the gradual transformation of the young people's way of life.

**Keywords:** Ethnobotany; remainder communities of the quilombos; knowledge; diversity; Amazon.

## Introdução

A Etnobotânica é uma ciência que se ocupa em estudar a dinâmica das relações entre o ser humano e as plantas (ALEXIADES, 1996). O registro e a documentação destas relações propiciam a revitalização do conhecimento dos povos e comunidades que habitam e manejam os ecossistemas naturais (DIEGUES, 2000; FRAXE et al., 2007).

Os remanescentes de quilombos ou quilombolas integram o complexo sociocultural da Amazônia brasileira, representado também por indígenas, ribeirinhos e caboclos. Estes mantêm uma estreita relação com o meio ambiente, graças ao conhecimento integrado de crenças e práticas, adquiridas de geração em geração, que configuram seus modos de vida onde as relações comunitárias tendem a se sobrepor às societárias (LIMA e PEREIRA, 2007; FORLINI; FURTADO, 2002). Não se pode esquecer que os nativos da região, com quem os quilombolas mantiveram relações amigáveis e também conflituosas, tiveram uma forte influência sobre os saberes e fazeres destes grupos. Com a chegada maciça dos negros na Amazônia no século XIX, observou-se a fusão dos componentes étnicos de negros e índios resultando em uma nova cultura (SALLES, 1971). Todo esse conhecimento é repassado através da oralidade, uma característica própria das comunidades tradicionais, já que a grande maioria delas não possui uma tradição escrita (REZENDE; RIBEIRO, 2005; MARTINS et al., 2005; DI STASI; HIRUMA-LIMA, 2002).

Para Voeks (2009), as comunidades quilombolas desempenham

um importante papel na preservação das tradições etnobotânicas africanas no continente americano. Dentre essas práticas está o uso das plantas medicinais no tratamento e cura de doenças do corpo e do espírito, que ainda hoje perpetua entre esse grupo (SALES et al., 2009; OLIVEIRA et al., 2015).

Duzentos e vinte e sete territórios de remanescentes de quilombos são reconhecidos no Pará e correspondem a 70% dos registrados para a região Norte (FCP, 2015). Precisamente no município de Abaetetuba, situado no Baixo Tocantins, 15 territórios quilombolas já foram titulados, entre eles o intitulado "Ilhas de Abaetetuba", do qual fazem parte as comunidades: Alto e Baixo Itacuruçá, Campompema, Jenipaúba, Acaraqui, Igarapé São João, Arapapú, Arapapuzinho, Rio Ipanema e Tauerá-Açu.

A presente pesquisa foi realizada em Tauerá-Açu, considerada a comunidade-mãe, ou seja, aquela que deu origem às demais. Teve por objetivo registrar o conhecimento associado às plantas medicinais nesta localidade, bem como verificar a importância cultural e a diversidade de conhecimento dos moradores sobre as espécies identificadas.

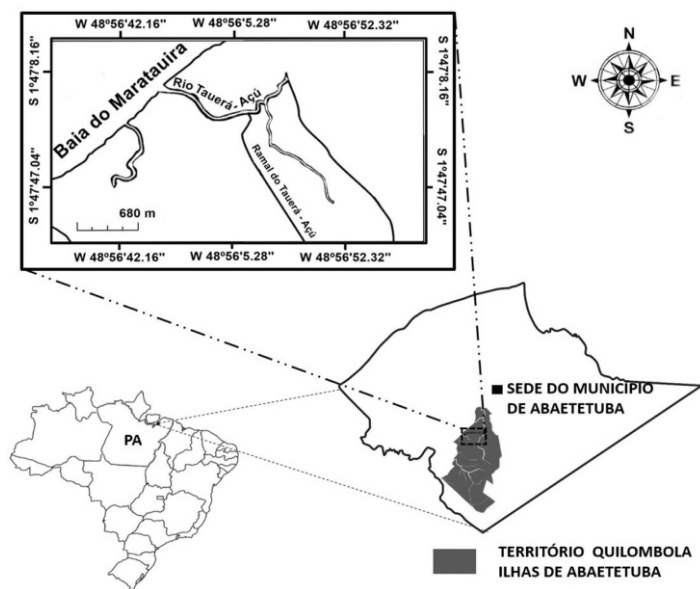
## Material e Métodos

O município de Abaetetuba pertence à Mesorregião do Nordeste Paraense e à Microrregião de Cametá, estando sua rede municipal localizada entre as coordenadas geográficas 01°43' 24"S e 48°52'54"W (SEPOF, 2016). Abaetetuba é um dos menores municípios do Pará, com 1.611 Km<sup>2</sup> de extensão e cerca de 140.000

habitantes (IBGE, 2016a), distribuídos entre a zona urbana, representada pela sede do município, e a zona rural, da qual fazem parte estradas e ilhas. Pouco mais de 58 mil habitantes encontram-se na zona rural do município, principalmente na região de ilhas (IBGE, 2016b).

A cobertura vegetal original, representada pela floresta ombrófila densa de terra firme com árvores de grande porte, é praticamente inexistente, dando lugar às florestas secundárias, intercaladas com cultivos agrícolas (SEPOF, 2016). A vegetação característica destas florestas abrange espécies ombrófilas latifoliadas, intercaladas com palmeiras, dentre as quais despoñtam o açaí (*Euterpe oleracea* Mart.) e o miriti (*Mauritia flexuosa* L. f.) (ALMEIDA et al., 2004).

O “Território Quilombola Ilhas de Abaetetuba” (TQIA), reconhecido pela Fundação Cultural Palmares em 03 de setembro de 2012, e titulado pelo Iterpa (Instituto de Terras do Pará) e Incra (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), possui mais de 12 mil hectares, onde vivem 1.700 famílias e 7.500 pessoas distribuídas irregularmente pelas comunidades ao longo dos rios, furos e igarapés (NAHUM, 2011).



**Figura 1.** Mapa com a localização da comunidade quilombola de Tauerá-Açú, Abaetetuba, Pará. / **Figure 1.** Map with the location of the quilombola community of Tauerá-Açú, Abaetetuba, Pará.

Tauerá-Açú, a área de estudo, é uma das 10 comunidades que compõem o TQIA. Por se tratar de um território com várias comunidades os dados sobre população, economia, educação, entre outros, não são individualizados por comunidades e sim unificados para todo o território, por conta disso as posteriores informações a respeito da comunidade de Tauerá-Açú, são dados não oficiais obtidos com o Presidente Associação das Comunidades Remanescentes de Quilombo das Ilhas de Abaetetuba e de observação no convívio com a comunidade.

A comunidade de Tauerá-Açú conta com uma população de aproximadamente 600 habitantes, vivendo nas áreas ribeirinhas e no “centro”. Na área ribeirinha residem 80 famílias, expostas a um ciclo diário de enchentes e vazantes, ocasionados pela influência das marés. As residências locais, características de populações de várzea, são feitas de madeira e suspensas a pelo menos 1,50 m do solo, para evitar que fiquem submersas durante as marés altas diárias. Esta parcela populacional tem sua renda advinda principalmente da pesca do camarão, além do plantio e extrativismo do açaí (*Euterpe oleracea* Mart.), vendido diretamente, ou por meio de atravessadores, na feira da cidade.

No “centro”, que corresponde ao ramal perpendicular à estrada

que dá acesso à sede do município, estão distribuídas 20 famílias, cujas casas de alvenaria são construídas em locais mais elevados e protegidos das enchentes cotidianas. As casas são cercadas por grandes quintais e interligadas por estreitos caminhos abertos de terra batida. A população do centro vive basicamente da roça de mandioca e macaxeira (*Manihot esculenta* Crantz), cujas raízes tuberosas são consumidas sob a forma de farinha ou cozidas, respectivamente. Usualmente a produção de farinha, para a subsistência é um trabalho de cunho familiar, em que todos participam em alguma fase do processo. A venda deste produto da mandioca é feita sempre que há produção excedente.

Para iniciar os procedimentos éticos foram realizadas reuniões na comunidade com o grupo de mães para a apresentação do projeto de pesquisa, formulação e adequação do Termo de Anuência Prévia (TAP), que foi assinado por aquelas que aceitaram colaborar com o presente estudo.

Todos os documentos exigidos pela M.P.2.186-16/2001, ainda em vigor em 2014, foram encaminhados ao IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), que autorizou o acesso ao conhecimento tradicional sem acesso ao patrimônio genético sob o processo de nº 01492.000102/2015.

O trabalho de campo foi conduzido de março a outubro de 2015, considerando o cadastro das 100 unidades familiares, fornecido pela Agente Comunitária de Saúde, inicialmente contatada. A seleção das famílias foi realizada por meio da amostragem probabilística (ALBUQUERQUE et al., 2010) através do sorteio de 34 unidades (34% do total). Optou-se por trabalhar com as mães, que em geral detêm as noções básicas de como tratar os problemas de saúde de suas famílias (COELHO-FERREIRA, 2009). No entanto, visando a aprofundar as informações obtidas, dois informantes-chave ou especialistas locais foram identificados através da técnica de “bola de neve” (ALBUQUERQUE et al., 2010) e compuseram o universo amostral.

A coleta de dados envolveu técnicas e métodos de pesquisas usuais em etnobotânica e complementares entre si. Entrevistas semiestruturadas (BERNARD, 2006) foram conduzidas junto às colaboradoras para obter dados pessoais como: nome, idade, tempo de moradia, de escolaridade, ocupação, etc. Em seguida, foi aplicada a técnica “lista livre” (QUINLAN, 2005), em que se perguntava às colaboradoras: *Quais as plantas medicinais que você conhece e/ou usa?* A partir da lista gerada, foi retomado o roteiro da entrevista semiestruturada para obter dados relativos às espécies vegetais listadas por cada informante. Durante a coleta de dados foram feitas gravações e fotografias sempre que autorizadas pelas colaboradoras, como complemento às informações descritas na caderneta de campo.

A coleta de amostras botânicas aconteceu durante as entrevistas quando as colaboradoras as possuíam em seus quintais, e também durante as turnês guiadas (ALBUQUERQUE et al., 2010) que contaram com a colaboração dos dois especialistas locais.

Os espécimes vegetais foram herborizados seguindo as técnicas descritas por Ming (1996), e a identificação se deu por comparação com a coleção do Herbário MG do Museu Paraense Emílio Goeldi e confirmada por especialistas e parataxonomistas da instituição. Adotou-se o sistema de classificação APG III (2009) para as famílias botânicas e as bases de dados da Flora do Brasil 2020 (<http://floradobrasil.jbrj.gov.br>) e Trópicos do Missouri Botanical Garden (<http://www.tropicos.org/>) para a atualização dos nomes científicos e determinação da origem das plantas, respectivamente. Para a confirmação da origem das espécies africanas foi consultada a base de dados African Plants Database (<http://www.ville-ge.ch/cjb/>). Todo material botânico fértil foi depositado no Herbário do Museu Goeldi (MG).

As espécies foram classificadas quanto ao hábito seguindo a terminologia de IBGE (2012). Foi considerada a terminologia local referente às indicações terapêuticas e modo de preparo, por serem próprios desta comunidade tradicional e empregados apenas naquele convívio social, devendo, portanto, serem registrados.

Os dados qualitativos levantados foram sistematizados em um banco de dados no Programa Excel 2013, organizados em tabelas e gráficos, que subsidiaram a análise quali e quantitativa dos dados acerca do conhecimento etnobotânico dentro da comunidade estudada.

Para as análises quantitativas foram utilizados os índices Saliência Cultural (ISC) e o de diversidade Shannon-Wiener. O índice de Saliência Cultural (ISC), que infere sobre a importância cultural das etnoespécies para uma determinada comunidade, foi calculado a partir da lista livre com o auxílio do software Visual Anthropac-Freelists 4.0 (BORGATTI, 1992). O ISC levou em consideração, para cada etnoespécie citada, a ordem em que foi listada e a frequência de citação. Os valores deste índice variam de 0 – 1, sendo que, quanto mais próximo de um é o valor do ISC, mais importantes culturalmente a planta é. Segundo Pedrollo et al. (2016) para ser considerada saliente, não basta a etnoespécie ser mencionada por muitos informantes, precisa também ser lembrada antes das outras.

A diversidade foi analisada utilizando o índice de Shannon-Wiener, proposto por Krebs (1989) e adaptado por Begossi (1996), em que considera apenas uma citação da espécie por informante, mesmo que um interlocutor tenha citado uma espécie várias vezes, para vários usos. O índice foi calculado através do programa PC-ORD versão 5.0.

Para se verificar a suficiência amostral, foram feitas as curvas de rarefação, utilizando o programa PAST, através de uma matriz de presença e ausência.

## Resultados e Discussões

As colaboradoras têm entre 21 e 50 anos, 18 delas (53%) nasceram em Tauará-Açú e 16 (47%) vieram de outras comunidades do Território quilombola “Ilhas de Abaetetuba”, da área urbana do município e de Igarapé-Miri, município vizinho.

Os especialistas tradicionais são do sexo masculino, com idades de 53 e 76 anos. Ambos praticam a religião católica e foram reconhecidos na comunidade como detentores de um saber particular sobre as plantas medicinais. Um deles atua apenas na indicação das plantas para fins terapêuticos, enquanto o outro, além deste papel, realiza rituais de cura e é reconhecido como “benzedor”.

Deste universo amostral (34 mulheres e dois homens), 12 consideram-se descendentes de quilombola, cinco se autodenominaram como tal por terem adquirido este direito ao ser casarem com quilombolas, outros 12 afirmaram não descender de tal grupo, sete apontaram desconhecimento sobre suas origens. De acordo com Santana (2014), esse fato é comum em muitas comunidades negras, por que inconscientemente preferem a “inclusão” na sociedade à “exotização”.

Setenta por cento dos participantes deste estudo indicaram integrantes da família como responsáveis pelo saber etnobotânico que possuem. Há de se atentar para o fato de que os conhecimentos nesta comunidade são pautados principalmente na oralidade, expressa nas práticas observadas e vivenciadas cotidianamente. As mães são as maiores responsáveis pelo repasse dessas informações; em seguida foram mencionados os avós e outros parentes.

No que tange os problemas de saúde comuns às famílias foram mencionados gripe, diarreia, virose, febre e tosse. A maioria das interlocutoras (73%) afirmou ter os remédios caseiros como

primeira opção para o tratamento destes males. A escolha é justificada, sobretudo pela eficácia dos remédios, pela confiança nos ensinamentos deixados por pessoas próximas (mãe, avós, etc), e devida a precariedade do sistema público de saúde. Pouco mais de 20% disseram primeiramente procurar a medicina oficial, representada pelas Agentes Comunitárias de Saúde (ACS), pelo médico em sua única visita mensal e pelos serviços oferecidos no Posto de Saúde local. A automedicação foi citada por três das interlocutoras, enquanto os especialistas locais foram mencionados, como primeira opção terapêutica, por duas pessoas.

Foram registradas 93 etnoespécies de uso medicinal, sendo 76 espécies cientificamente identificadas e as demais - barbatimão, casca-doce, casca-preciosa, espinheira-santa, entre outras - não puderam ser identificadas por se tratarem de plantas compradas em ervanários, estabelecimentos em crescente desenvolvimento no município, como pau-de-angola e arumã-de-cheiro. Enquanto 64 etnoespécies foram levantadas através da lista livre, 29 foram registradas durante as turnês guiadas. As espécies identificadas estão distribuídas em 68 gêneros e 34 famílias botânicas, entre as quais se destacam Asteraceae (10), Lamiaceae (10), Fabaceae (9), Euphorbiaceae (4), Rutaceae (4), Apocynaceae (3), Arecaceae (3) e Zingiberaceae (3). Estas famílias são cosmopolitas e/ou amplamente distribuídas (JUDD et al., 2009), e frequentemente usadas na cura de doenças por comunidades amazônicas (COELHO-FERREIRA, 2009; RODRIGUES, 2006; VÁSQUEZ et al., 2014); além de serem famílias representativas para as comunidades remanescentes de quilombos como apontam Almeida e Bandeira (2010); Nascimento e Conceição (2011) e Silva et al. (2012).

Dentre as espécies levantadas, hortelã (*Mentha pulegium* L.), foi a mais mencionada com 19 citações, seguida de arruda (*Ruta graveolens* L.) (10) e boldo (*Gymnanthemum amygdalinum* (Delile) Sch.Bip. ex Walp.) (10), além de catinga-de-mulata (*Aeollanthus suaveolens* Mart. ex Spreng.) (6). Essas espécies também são importantes em outras comunidades quilombolas como Quilombo Sangrador (MA) (MONTELES; PINHEIRO, 2007) e em Pedro Cubas (SP) (RODRIGUES et al., 2010).

Quanto à origem das espécies medicinais identificadas, 46% são exóticas e 54% nativas do Brasil, sendo 95% destas (37sp.) nativas na Amazônia. Em relação a esta última categoria, 15 ocorrem de forma espontânea, 13 são cultivadas e nove ocorrem de ambas as formas.

Quarenta e duas das espécies identificadas são comuns ao continente africano, 20 das quais são nativas deste, como é o caso de *Aeollanthus suaveolens* e *Mentha pulegium*. Estas duas espécies tiveram seus usos medicinais documentados em trabalhos na Nigéria (SOLADOYE; OYESIKU, 2008) e Angola (URSO et al., 2016), países estes, que contribuíram para a formação do povo brasileiro. Outro exemplo de planta nativa africana é *Kalanchoe pinnata* (Lam.) Pers., endêmica da ilha de Madagascar amplamente utilizada no oeste africano (OLIVER-BEVER, 1986).

Diversas plantas e animais vieram nos navios negreiros, trazidas pelos escravos, e representavam para estes elementos básicos de sua cultura, alimentação e cuidados com a saúde (VOEKS, 2009). Com a chegada ao Brasil, durante os primeiros anos da colonização, as circunstâncias e as necessidades coletivas certamente incentivaram a partilha e troca intelectual de saberes entre indígenas e negros, apesar das diferenças culturais e das barreiras linguísticas que os separavam (CARNEY, 2013). No sentido inverso, uma série de culturas americanas também chegava à África Ocidental e foi sendo incorporada nas práticas médicas e de cultivo, justificando a presença de espécies nativas da Amazônia, a exemplo a *Quassia amara* L., entre as naturalizadas africanas (VOEKS, 2009).



As espécies estão distribuídas em cinco hábitos: erva (48%), árvore (24%), arbusto (15%), liana (7%), palmeira (5%) e subarbusto (1%). As ervas, cultivadas em jirais, velhas embarcações e paneiros, encontram-se disponíveis nos quintais, o que as torna bem mais acessíveis. Para Guarim-Neto e Amaral (2010) as ervas são as mais exploradas devido ao pequeno espaço que ocupam no cultivo. Coley et al. (1985), justifica essa preferência, devido à alta atividade de compostos secundários presentes nestas.

Sessenta e quatro etnoespécies foram registradas por meio da técnica lista livre e, portanto, foram consideradas na análise de Saliência Cultural. As espécies culturalmente mais salientes, isto é, que apresentaram ISC significativo foram hortelã (0,43 - *Mentha pulegium*), arruda (0,23 - *Ruta graveolens*) e boldo (0,22 - *Gymnanthemum amygdalinum*).

*Mentha pulegium* é nativa do Norte da África e da Europa. Voeks e Rashford (2013) sugerem que a introdução desta espécie no Brasil e em outras regiões da África deu-se pelas rotas dos portugueses e espanhóis durante a colonização, sendo posteriormente incluída na farmacopeia afro-brasileira. *Ruta graveolens* é uma espécie nativa da região do mediterrâneo. Moret (2013) aponta que esta foi introduzida no Brasil devido aos altos valores da importação de medicamentos para Colômbia, de forma que começou a haver um forte incentivo econômico para o uso de

espécies medicinais já utilizadas na Europa e outras locais, assim iniciou-se a importação de diversas plantas entre elas a arruda (*Ruta graveolens*), com custos bem menores.

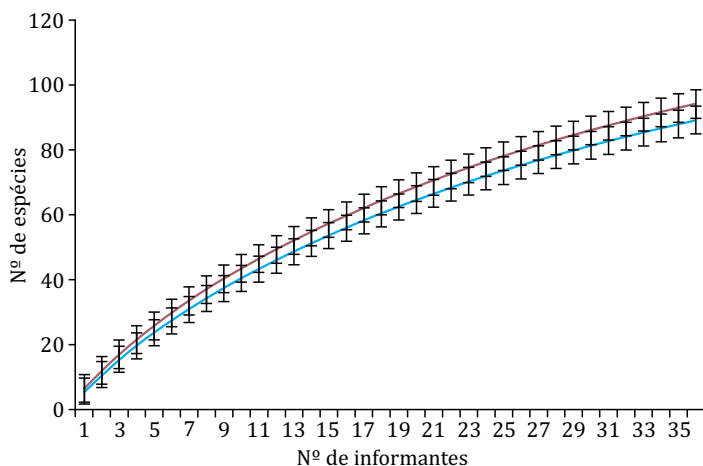
A propósito, Pedrollo et al. (2016) afirmam que para entender os fatores que tornam uma planta mais ou menos saliente cognitivamente envolve o levantamento de hipóteses. A indicação terapêutica das espécies influencia no grau de importância das mesmas para a comunidade; hortelã, por exemplo, recebeu indicação de uso para diarreia e gripe, e o boldo (*Gymnanthemum amygdalinum*) é usado no tratamento de problemas relacionados ao sistema gastrointestinal males frequentes entre os moradores de Tauerá-Açú. A versatilidade também interfere, como é o caso da arruda, que foi indicada para diferentes males que acometem os diversos sistemas corpóreos. Porém, outro fator como a facilidade de acesso, também pode influenciar, já que estas plantas são cultivadas em quintais.

O índice de diversidade de Shannon na comunidade quilombola de Tauerá-Açú ( $H' = 4,14$ ) é comparado aos valores mais altos obtidos por Begossi (1996) para plantas medicinais em outras regiões tropicais, e equivalentes aos encontrados em estudos realizados na Amazônia (Tabela 1). Este valor é justificado pela ausência de espécies dominantes dentro do universo das plantas citadas. Além do que, aponta o quão diverso é o conhecimento das mães da comunidade no que diz respeito à fitofarmacopeia local.

**Tabela 1.** Comparação do índice de diversidade de plantas medicinais em estudos etnobotânicos na Amazônia. / **Table 1.** Comparison of the diversity index of medicinal plants in ethnobotanical studies in the Amazon.

Estudo	Local	Índice de Shannon-Wiener (Base e)
Pereira; Coelho-Ferreira	Comunidade Quilombola de Tauerá-Açú (PA)	4,14
Scudeller et al. (2009)	São João do Tupé (AM)	4,1
	Colônia Central (AM)	3,89
Amorozo (1997)	Barcarena (PA)	4,67

A curva de rarefação aponta uma tendência para estabilidade, indicando que o esforço de coleta foi satisfatório para o cálculo do índice de diversidade (Figura 2).



**Figura 2.** Curva de rarefação das espécies medicinais da comunidade quilombola de Tauerá-Açú, Abaetetuba, Pará. / **Figure 2.** Curve of rarefaction of medicinal species of the quilombola community of Tauerá-Açú, Abaetetuba, Pará.

Ao comparar a diversidade de espécies medicinais nativas ( $H' = 3,40$ ) e exóticas ( $H' = 3,58$ ), verificou-se que ambas colaboram de forma equitativa para a composição da fitofarmacopeia local.

Dentre a diversidade das partes vegetais utilizadas, as folhas entram na composição da metade das receitas documentadas, seguidas da casca (18%), ramos foliares (12%), sementes (8%), caule (4%), raiz (3%), látex (3%) e fruto (2%). As folhas são muito utilizadas, não estando sujeitas a sazonalidade, como é o caso dos frutos e flores, além do que, a coleta destas não prejudica o espécime, ao contrário da retirada de raízes, conforme corrobora

Tugume et al. (2016) ao atribuir as altas taxas de utilização de folhas à facilidade com que podem ser obtidas em grandes quantidades em comparação com outras partes da planta. Para Jardim e Zoghbi (2008), o uso maior das folhas e ramos nas preparações terapêuticas pode ser explicado pela perenifolia predominante nas plantas amazônicas.

A casca foi a segunda parte mais utilizada, citada majoritariamente por um dos especialistas tradicionais, Sr. Damião, devido ao amplo uso destas nas garrafadas por ele preparadas. Em geral no caso das árvores amazônicas, as cascas mais facilmente acessadas que as folhas (COELHO-FERREIRA, 2009; LIMA et al., 2014).

Duzentas e vinte e seis preparações foram documentadas para o tratamento e prevenção de doenças: 137 são receitas com apenas uma planta; 89 receitas envolvem mais de uma planta ou associam plantas a produtos de origens diversas (Tabela 2). As receitas abrangem oito diferentes modos de preparo, que correspondem às seguintes categorias locais: chá, "fumentação", "banho", *in natura*, garrafada, "choque", xarope e suco.

Do total de receitas documentadas, 74% são de uso interno e 26% são empregadas externamente.

Os chás, classificados em "cozidos" e "abafados" segundo a maneira de preparo - por decocção ou infusão, são geralmente ingeridos. Tais formas de preparo foram documentadas para várias comunidades amazônicas (VÁSQUEZ et al., 2014; COELHO-FERREIRA, 2009; FREITAS; FERNANDES, 2006).

A "fumentação" é uma mistura de consistência pastosa, em cuja composição entram plantas, gordura animal e produtos encontrados em ervanários da cidade. As plantas da fumentação são consideradas "finas", esclarecidas por Dona Ana como um *tipo de planta que a gente precisa ter mais cuidado, porque senão, pode fazer mal e levar até a morte*. Arruda, catinga-de-mulata, pluma

(*Tanacetum* sp.), cipó-pucá (*Cissus verticillata* (L.) Nicolson & C.E. Jarvis) e óleo-elétrico de planta (*Piper callosum* Ruiz & Pav.) são exemplos de plantas finas. Todas são maceradas em uma gordura animal, que pode ser banha de jacaré, de carneiro ou de pato preto. A este macerado é acrescentada Pílula de Jalapa ou Pílula Contra Estupor, adquiridas nos mencionados ervanários, formando uma espécie de pomada escura de cheiro forte.

As fumentações devem ser aplicadas em massagens no corpo todo, durante o tratamento de *ramo de ar* ou *doença que entorta*. De acordo com as colaboradoras, este preparado age no sentido de recuperar os movimentos perdidos, ocasionados pela paralisia. Em função da gravidade da doença, o tratamento com fumentações pode ser feito em dias seguidos ou alternados, quando o consumo de alimentos “reimosos”, como camarão, dourada e porco, é proibido. Segundo uma das entrevistadas, que administra esse remédio em seu esposo, a pessoa que aplica esse preparado deve usar luvas, pois a exposição ao vento pode “encarregar” as mãos e levar até a morte. Outros cuidados a serem observados após aplicação do remédio diz respeito ao doente: este deve permanecer dentro de um quarto fechado, de preferência usando cobertor, protegido do vento e da friagem. Geralmente, no dia seguinte à aplicação, o remédio é retirado do corpo por meio do “banho de sol”, preparado com folhas de japana (*Ayapana triplinervis* (Vahl) R.M. King & H. Rob.), uriza (*Pogostemon heyneanus* Benth.), trevo (*Justicia pectoralis* Jacq.), favacão (*Ocimum gratissimum* L.), pau-de-angola (não identificada), e arumã-de-cheiro (não identificada), deixadas em maceração numa bacia com água, exposta ao sol. Ao meio dia, quando o preparado já estiver bem aquecido, é usado para lavar o corpo da pessoa doente. As espécies em questão são ricas em óleos essenciais (MAIA et al., 2000) que se volatilizam rapidamente quando levados à fervura, fato que explicaria o motivo pelo qual são submetidas ao processo descrito acima.

Os “banhos” são macerações aquecidas ao sol, como dito acima, feitas à temperatura ambiente ou ainda deixadas no sereno. Este dito modo de preparo e uso é comum em comunidades amazônicas, conforme registros feitos por Coelho-Ferreira (2009), Freitas e Fernandes (2006) e Amorozo e Gély (1988). Além das aromáticas citadas acima, malva-rosa (*Pelargonium graveolens* L'Hér. ex Aiton), catinga-de-mulata e arruda compõem banhos indicados para problemas espirituais como “mau olhar”. Os “banhos” são categorizados pelas colaboradoras, conforme a sua finalidade: “banho para ficar feliz”, “banho de acalmar criança” e “banhos de descarga”. Este último, preparado com folhas de pião-roxo (*Jatropha gossypifolia* L.) e álcool, foi registrado por Oliveira (2015) entre mulheres de uma comunidade quilombola na Bahia, para as quais têm uma simbologia purificadora provavelmente, por conta de sua ancestralidade africana.

Garrafadas são preparadas por maceração aquosa ou alcóolica e se destinam a tratamentos em longo prazo. As receitas variam de acordo com o que será tratado, e incluem cascas e ingredientes diversos como queijo ralado, pó de guaraná, refrigerante, vinho tinto entre outros. Este tipo de preparação foi registrado em outras comunidades quilombolas da Bahia por Mota e Dias (2012), e do Piauí por Franco e Barros (2006); nesta última, entretanto, são preparadas apenas com as raízes, ao contrário do registrado neste estudo onde o principal ingrediente é a casca. De acordo com Camargo (1998), o vinho tinto não era utilizado nesta preparação, derivada da fórmula da “Triaga Brasília” cujos ingredientes eram mantidos em segredo pelos Jesuítas no século XVIII. Nesta comunidade, porém, é habitualmente empregado para este fim, assim como em Marudá, no estuário amazônico, conforme relata Coelho-Ferreira (2009). A garrafada para emagrecer é também indicada contra diabetes, possivelmente por esta ser uma doença,

na maioria dos casos, ligada à obesidade. O Sr. Damião adverte para o teor extremamente amargo desta preparação, isto devido à alta concentração de tanino presente nas cascas de sucubúba (*Himatanthus articulatus* (Vahl) Woodson) e acapu (*Vouacapoua americana* Aubl.), conforme mostrado por Souza Filho e Alves (2000) e Luz et al. (2014). Ainda segundo o mesmo colaborador esta preparação causa muito suor e eliminação de urina. Tais efeitos explicariam por que esse remédio leva à rápida perda de peso.

Algumas plantas têm suas folhas ou exsudatos (látex, óleo) utilizados *in natura*, nomenclatura aqui empregada para descrever uma intervenção mínima quanto ao modo de preparo. No caso das folhas, estas podem ser levemente aquecidas ou socadas para extração da seiva. Esses são remédios aplicados diretamente no local afetado, à moda de emplastro (ferimentos, erisipele), em fricção ou em gotejamento (dor de ouvido).

“Choque” é a denominação local atribuída às macerações alcólicas cujo veículo tanto pode ser o álcool como a cachaça, ao qual se associam plantas aromáticas, como arruda e uriza. Diferencia-se, portanto, das garrafadas, pelo meio líquido e pelo tipo de partes vegetais utilizadas. O remédio é aplicado em fricção ou massagem local no tratamento de dores de cabeça e reumáticas, podendo ser conservado e usado por longos períodos. Segundo os entrevistados, quanto mais tempo guardada, mais concentrada e eficaz ela se torna.

Os xaropes são decocções empregadas no tratamento de doenças como a asma e verminoses. Nesta preparação é acrescentado mel ou açúcar, segundo as entrevistadas, por conta do gosto pouco palatável de alguns ingredientes, como por exemplo, a ortiga (*Plectranthus amboinicus* (Lour.) Spreng.), e também para adquirir a consistência necessária, por elas denominada como “ponto do xarope”. Em casos de inflamação da garganta, o tratamento com xarope deve ser complementado com a prática de “curar a garganta” esse procedimento implica em uma pessoa envolver o dedo indicador com um pano ou algodão embebido em mel ou óleo de copaíba e levá-lo até o interior da garganta aplicando o remédio diretamente no local inflamado.

Sucos são obtidos por processamento de folhas, por exemplo, no liquidificador, ingredientes densos como a “massa” da folha da babosa (*Aloe vera* (L.) Burm. f.), e para obter-se um sabor mais agradável são adoçados com açúcar ou mel, indicados principalmente para infecções.

As plantas medicinais foram indicadas para 57 problemas de saúde. Sintomas como aqueles da dentição, dores em geral, febre e vômito representaram 28% da amostra total. A febre foi o mais recorrente nesta comunidade, provavelmente por ser comum a diversas doenças. As espécies indicadas para o tratamento deste sintoma são catinga-de-mulata (*Aeollanthus suaveolens*), uriza (*Pogostemon heyneanus*), feijão-coandô (*Cajanus cajan* (L.) Huth), favacão (*Ocimum gratissimum*), limão (*Citrus aurantifolia* Swingle) e laranja da terra (*Citrus* sp.). O combate à febre pode variar, de acordo com a intensidade com que esta se manifesta, conforme relatou D. Ana Ferreira “*Remédio muito forte, quente, não serve para febre alta, por que precisa refrescar o sangue. Remédio muito forte queima o sangue! Já a febre baixa, pode tomar um remédio quente.*”

Nesta categoria encontra-se também o “ramo de ar” doença que foi descrita com sintomas como convulsões, paralisia e enrijecimento muscular, com três possíveis diferentes causas, febre alta com consequente convulsão, choque térmico e AVC, entretanto os cuidados e as plantas são as mesmas independentes das causas, são elas, arruda (*Ruta graveolens*), catinga-de-mulata (*Aeollanthus suaveolens*), pluma (*Tanacetum* sp.), cipó-pucá (*Cissus verticillata*) e óleo-elétrico de planta (*Piper callosum*) bem semelhantes aos

descritos por Amorozo e Gély (1988), em seu estudo com caboclos de Barcarena, Pará.

Os males como dor de barriga, diarreia e problemas de estômago, segundo os interlocutores, se devem à má alimentação, geralmente regada a muita gordura, farinha e sal. Estes problemas podem ser atribuídos ainda à inexistência de serviços de tratamento de água e esgoto, que é recorrente em diversas comunidades no Brasil, assim como, na maioria das comunidades amazônicas, e ribeirinhas, em particular. Esta situação vai ao encontro do que Gomes e Bandeira (2012) constataram na comunidade quilombola do Raso da Catarina na Bahia, onde a falta de políticas públicas voltadas para o saneamento básico, reflete o quadro epidemiológico das comunidades, sendo casos de verminoses e diarreia comuns nessas populações.

Em Tauerá-Açú, a dor de barriga pode ser causada ainda pela ingestão concomitante de diversas frutas, como esclarece a jovem entrevistada, Aellen: “dá dor de barriga, quando mistura muita coisa do tipo: cupuaçu, açaí e manga”.

Sintomas como infecção urinária conhecida como “dor de urina”, cólica menstrual, corrimento e ciclo menstrual desregulado - localmente denominado “suspensão”, integram a categoria “doenças de mulher” e abrangeram 17% das indicações. Verônica (*Dalbergia* sp.), pirarucu (*Kallanchoe pinnata*) e babosa (*Aloe vera*) são algumas das plantas empregadas no tratamento destas afecções. Quina (*Quassia amara*) é uma das plantas com amplo espectro de uso: trata cólica menstrual e suspensão, assim como propicia o aborto. Muito embora não sejam consideradas doenças e nem sintomas, o aborto e o favorecimento da gravidez foram mencionados pelos entrevistados (COELHO-FERREIRA, 2009).

É importante ainda mencionar as doenças de cunho espiritual

(3,4%), embora não estejam entre as mais representativas. O quebranto e o mau olhado, cujos sintomas são vômito e dor de cabeça, causados principalmente pela inveja e os olhares admirados de algumas pessoas. Enquanto o quebranto acomete as crianças, os adultos sofrem de mau olhado. As plantas mais indicadas são arruda (*Ruta graveolens*), catinga-de-mulata (*Aeollanthus suaveolens*), pião-roxo (*Jatropha gossypifolia*) e malva-rosa (*Pelargonium graveolens*).

Há ainda os maus espíritos, que para os entrevistados provocam sensações desagradáveis, “uma coisa ruim”, combatidos com banhos de “descarga”, preparados com folhas de pião roxo e sal virgem, e empregados nas segundas e quartas-feiras, na maré vazante. As doenças espirituais são tratadas por benzedores, e no caso desta comunidade, pelo Sr. Damião. Importante ressaltar que apesar dos moradores da comunidade seguirem a religião católica ou protestante, assim como registrado por Gomes e Bandeira (2012), na Bahia, rituais de origem africana ainda se mostram fortemente presente no cotidiano, como as rezas para a cura de doenças “espirituais”.

Os males aqui registrados são recorrentes entre comunidades amazônicas (AMOROZO; GÉLY, 1988; COELHO-FERREIRA, 2009; VÁSQUEZ et al., 2014) e remanescentes de quilombo em outras regiões brasileiras (MONTELES; PINHEIRO, 2007, SALES et al., 2009; GOMES; BANDEIRA, 2012). Almeida e Albuquerque (2002) afirmam que os dados obtidos em pesquisas dessa natureza refletem à maioria dos casos de doenças na população. Nesta pesquisa, corroborou-se esta afirmação em conversas informais com as agentes comunitárias de saúde, onde foi relatado como os problemas de saúde mais recorrentes na comunidade: diarreia, gripe e dor de barriga.

**Tabela 2.** Aspectos etnofarmacológicos das plantas medicinais utilizadas na comunidade quilombola de Tauerá-Açú, Abaetetuba, Pará. / **Table 2.** Ethnopharmacological aspects of medicinal plants used in the quilombola community of Tauerá-Açú, Abaetetuba, Pará.

Família	Nome vernacular	Nome científico	Parte utilizada	Indicação	Modo de preparo
Acanthaceae	Trevo	<i>Justicia pectoralis</i> Jacq.	Folha	Febre	Banho: ver uriza
Amaranthaceae	Metruz	<i>Dysphania ambrosioides</i> (L.) Mosyakin & Clemants	Ramos foliares	Verminose (1); Gripe (2).	(1) Chá: Põe a folha na vasilha e deixa ferver pode tomar de 1 a 3 vezes por dia; (2) Chá: Põe a folha na vasilha e deixa ferver pode tomar de 1 a 3 vezes por dia.
Amaranthaceae	Penicilina	<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) Kuntze	Folha	Dor em geral e Dor de baque(1); Infecção urinária(2)	(1) Unguento: ver sete dores; (2) Chá: Ver canafixe.
Amaryllidaceae	Cebolinha	<i>Hymenocallis littoralis</i> (Jacq.) Salisb.	Caule	Asma	Xarope: corta a cebola bem “miudinha” e ferve junto com mel de abelha e bebo.
Anacardiaceae	Cajú	<i>Anacardium occidentale</i> L.	Casca	Diarreia	Chá: ver açaí
Apiaceae	Chicória	<i>Eryngium foetidum</i> L.	Raiz	Dentição(1); Gripe (2); Diarreia (3)	(1) Chá: coloca numa panela para ferver junto com água a raiz da chicória; (2) Chá: Ferve a raiz da chicória junto com a folha da sacaca, pode beber de duas à três vezes ao dia; (3) Chá: ver hortelã.
Apocynaceae	Sucuúba	<i>Himatanthus articulatus</i> (Vahl) Woodson	Látex/Casca	Asma (1); Úlcera (2); Emagrecer/Diabetes (3)	(1) Chá: ferve a casca com água. Ou <i>in natura</i> : bebe o leite puro; (2) <i>In natura</i> : Coloca a casca na água e bebe todo dia; (3) Garrafada: coloca na água a casca do acapú, casca do mururé, casca do carapanã, casca da sucúuba, casca do pau de curupira, noz moscada e casca do pau-suri. Toma duas colheres três vezes ao dia toma um pouco mais na hora do levantar e do deitar.
Apocynaceae	Amapá	<i>Parahancornia fasciculata</i> (Poir.) Benoist	Látex/Casca	Asma	Chá: coloca a casca pra ferver com água. Ou <i>In natura</i> : bebe o leite puro.
Apocynaceae	Carapanã	<i>Aspidosperma excelsum</i> Benth.	Casca	Emagrecer/Diabetes	Garrafada: ver sucúuba
Arecaceae	Açaí branco	<i>Euterpe</i> sp.	Raiz	Infecções em geral	Chá: ver pariri
Arecaceae	Pupunha	<i>Bactris gasipaes</i> Kunth	Raiz	Infecções em geral	Chá: ver pariri
Arecaceae	Mucajá	Não identificada	Raiz	Infecções em geral	Chá: ver pariri
Arecaceae	Açaí	<i>Euterpe oleracea</i> Mart.	Raiz	Infecção urinária(1); Dor de barriga (2); Murrudá (3); Diarreia (4)	(1) Chá: ver quebra-pedra; (2) Chá: ver laranjeira; (3) Chá: ver marupazinho; (4) Chá: faz o chá coloca na água a casca do caju, a raiz do açaí e as folhas do hortelã e pra ferver

Cont.

Família	Nome vernacular	Nome científico	Parte utilizada	Indicação	Modo de preparo
Asteraceae	Cravo	<i>Cosmos sulphureus</i> Cav.	Folha	Ramo de ar	Fumentação: soca folhas de cravo, de arruda, de catinga-de-mulata de mulata, de malva-rosa, de cipó-pucá, de óleo-elétrico de planta, e de pluma, acrescenta a banha de jacaré, de carneiro, ou de pato preto, mais a pílula de jalapa. Pode fazer também o chá com as mesmas plantas sem as banhas e tomar com a pílula contra-estupor ou a pílula da jalapa.
Asteraceae	Pluma	<i>Tanacetum</i> sp.	Folha	Ramo de ar	Fumentação:Ver cravo
Asteraceae	Boldo	<i>Gymnanthemum amygdalinum</i> (Delile) Sch.Bip. ex Walp.	Folha	Dor de barriga (1); Problemas de estômago (2); Problema de fígado (3)	(1) Chá: coloca a folha na água pra ferver e toma junto com Elixir paregórico; (2) Chá: ferve na água a folha do boldo e pode colocar junto a “batatinha” do marupazinho, raiz do açafreiro, folha de espinheira-santa, de sete dores, anador ou sicurijú.; (3) Chá: põe pra ferver só a folha do boldo.
Asteraceae	Sicurijú	<i>Mikania lindleyana</i> DC.	Folha	Problemas de estômago	Chá: ver sete dores; ou Chá: ver boldo. Ou Chá: Para problemas de estômago ferve a folha com amor crescido, ou pode ferver só as folha na água.
Asteraceae	Macela	<i>Pluchea sagittalis</i> (Lam.) Cabrera	Folha	Dor em geral (1); Dor de barriga (2)	(1) Chá: ferve as folhas da macela na água e toma quantas vezes se lembrar; (2) Chá: põe a água para ferver e depois coloca as folhas da macela e deixa ferver de 2 a 3 minutos.
Asteraceae	Girassol	<i>Tithonia diversifolia</i> (Hemsl.) A. Gray	Folha	Quebranto	Banho: coloca a folha na água e depois de um tempo banha a criança que “tá” com quebran-to.
Asteraceae	Eucalipto / Japana	<i>Ayapana triplinervis</i> (M.Vahl) R.M. King & H. Rob.	Folha	Febre (1); Dor de urina (2); Gripe (3)	(1) Banho: ver uriza; (2) Chá: ver quebra-pedra; (3) Banho: ferve as folhas do eucalipto, do limão a tarde e deixa no sereno pela manhã coloca na cabeça se não tiver febre. Esfregar a folha junto a folha de pataqueira, adicionando uma gota de água de colônia e põe no sol, bebe uma vez “boca da noite”.
Bignoniaceae	Pariri	<i>Fridericia chica</i> (Bonpl.) L.G. Lohmann	Folha	Anemia (1); Infecção em geral (2)	(1) Chá: ferve as folhas de pariri com a casca da verônica e beterraba. Ou Chá: ferve só as folhas do pariri. (2) Chá: Faz o chá com a raiz do açaí branco, raiz da pupunheira, raiz do mucajá, folhas do pariri, folhas de tançage, casca do açacu.
Cactaceae	Jamaracarú	<i>Cereus jamacaru</i> DC.	Caule	Asma	Xarope: corta em pedaços pequenos e tira o espinho e coloca pra ferver com mel de abelha.
Calophyllaceae	Jacareúba	<i>Calophyllum brasiliense</i> Cambess.	Casca	Diabetes	Chá: corta a casca em pedaço e ferve na água.
Costaceae	Canafixe	<i>Costus spicatus</i> (Jacq.) Sw.	Caule	Dor de urina (1); Pedra nos rins (2)	(1) Chá: ferve a canafixe com a penicilina e ferve na água. Ou Chá: ver jucá ou Chá: ver ariazinho. Ou Chá: ver quebra-pedra. (2) Chá: ver quebra-pedra.
Crassulaceae	Pirarucú	<i>Kalanchoe pinnata</i> (Lam.) Pers.	Folha	Izipra e inchaço (1); Dor de ouvido (2); Inflamação nos olhos (3); Infecção urinária (4); Inflamação de ferimento (5)	(1) <i>In natura</i> : uma “poqueca” da folha do pirarucu e coloca em baixo da cinza do fogão de lenha depois espreme o sumo da folha em uma vasilha aí põe o salamargo e embebe um pano nesse líquido em coloca onde tá doente; (2) <i>In natura</i> : coloca a folha do pirarucu em cima de uma panela quente só para ela murchar depois que esfriar espreme a folha e pinga três gotas do sumo dentro do ouvido; (3) <i>In natura</i> : murcha a folha no fogo coloca leite do peito em cima da folha “misgalha” no algodão e pinga nos olhos; (4) Suco: ver babosa; (5) Unguento: corta a folha do pirarucu e soca junto com o amor crescido e faz unguento e põe em cima do corte.
Crassulaceae	Saião de planta	<i>Kalanchoe brasiliensis</i> Cambess.	Folha	Gastrite (1); Dor de estômago (2).	(1) Chá: ferve a folha e pinga água de colônia junto e bebe; (2) Chá: ferve só a folha do saião na água e bebe três vezes ao dia.
Cyperaceae	Barba de paca	<i>Rhynchospora pubera</i> (Vahl) Boeckeler	Folha	Infecção urinária	Chá: ver quebra-pedra.
Euphorbiaceae	Mamona	Não identificada	Semente	Dor de cabeça	Unguento: mistura mamona com cera de Holanda (gordura de carneiro), passa em toda costa, no peito e na garganta uma vez ao dia.
Euphorbiaceae	Pião-roxo	<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	Látex/Casca/Folha	Ferimento (1); Izipra (2); Mau espirito (3); Mau olhado (4)	(1) <i>In natura</i> : é só colocar o leite dele em cima de onde tá ferido até sarar; (2) Choque: raspa o tronco e coloca essa raspa dentro da cachaça e passa na izipra; (3) Banho: tem que fazer um banho de descarrego, ferve as folhas do pião roxo, sal virgem e toma o banho na maré vazante segunda, quarta e sexta-feira; (4) Banho: mistura na água as folhas do pião roxo, caabi e mucura-caá.
Euphorbiaceae	Coramina	<i>Euphorbia tithymaloides</i> L.	Ramos foliares	Cansaço (1); Problemas cardíacos (2)	(1) Chá: ferve a folha da coramina, da laranjeira e da erva-cidreira; (2) Chá: com as folhas da coramina e com erva-doce.

Cont.



Uso e diversidade de plantas medicinais em uma comunidade quilombola na Amazônia Oriental,  
Abaetetuba, Pará

Família	Nome vernacular	Nome científico	Parte utilizada	Indicação	Modo de preparo
Euphorbiaceae	Sacaca	<i>Croton cajucara</i> Benth.	Folha	Gases	Chá: ver sete dores.
Fabaceae	Buiucú	<i>Ormosia coutinhoi</i> Ducke	Casca e seiva	Dor de cabeça e febre	Choque: corta a casca esfrega e o sumo vai escorrendo igual a um tucupí, mistura ele com a cachaça e usa na cabeça.
Fabaceae	Verônica	<i>Dalbergia</i> sp.	Casca	Infecção urinária	<i>In natura</i> : ver erva-doce
				Anemia	Chá: corta a casca da verônica em pedacinho e ferve unto com a folha do pariri
Fabaceae	Jatobá	<i>Hymenaea courbaril</i> L.	Casca	Infecção (1); Regulador uterino (2); Pra engravidar (tratamento contraceptivo) (3).	(1) Garrafada: ver barbatimão; (2) Garrafada: ver erva-doce; (3) Garrafada: ver erva-doce.
Fabaceae	Jucá	<i>Libidibia ferrea</i> (Mart. ex Tul.) L.P. Queiroz	Fruto (Bajinha)	Infecção urinária	Chá: tem que ferver umas "bajinhas" (fruto) de jucá na água, com barbatimão e "cana" da canafixe.
Fabaceae	Açacú	<i>Erythrina fusca</i> Lour.	Casca	Infecções em geral	Chá: ver pariri
Fabaceae	Açacú	<i>Vouacapoua americana</i> Aubl.	Casca	Infecção (1); Emagrecer/ Diabetes (2); Regulador uterino (3)	(1) Garrafada: ver barbatimão; (2) Garrafada: ver sucuúba; (3) Garrafada: ver erva-doce.
Fabaceae	Feijão coandô	<i>Cajanus cajan</i> (L.) Huth	Folha	Constipação (1); Febre(2)	(1) Banho: ver limão; (2) Banho: ver uriza.
Fabaceae	Escada de jabutí	<i>Schnella</i> sp.	Casca	Infecção	<i>In natura</i> : Tira a casca e coloca na água um pouco da farpa (casca fibrosa) e toma igual água.
Fabaceae	Cobaíba	<i>Copaífera</i> sp.	Semente	Infecção	<i>In natura</i> : coloca a semente na água e deixa ela soltar óleo ao fica grosso e você é toma aquilo parece um óleo.
Gentianaceae	Tabacoarana	<i>Chelonanthus alatus</i> (Aubl.) Pull	Folha	Curuba	Banho: esfrega a folha na água e depois passa no corpo da criança onde está a "curuba".
Geraniaceae	Malva-rosa	<i>Pelargonium graveolens</i> L'Hér. ex Aiton	Folha	Mau olhado (1); Ramo de ar (2)	(1) Banho: ver arruda; (2) Fumantação: Ver cravo.
Iridaceae	Marupazinho	<i>Eleutherine bulbosa</i> (Mill.) Urb.	Bulbo	Diarreia (1); Murrudá (2).	(1) Chá: ver hortelã. Ou Chá: pega a raiz do marupazinho ferve na água por dois minutos e tampa a panela e depois toma frio; (2) Chá: ferve a raiz do marupazinho junto com a do açazeiro. Tomar o dia todo no lugar da água. Ou chá: corta a raiz do marupazinho com a raiz vermelha do açazeiro, folha de magirona- camilitana e o "ímbrigo" da castanha e ferve tudo na água.
Lamiaceae	Catinga-de-mulata	<i>Aeollanthus suaveolens</i> Mart. ex Spreng.	Ramos foliares	Mau olhado (1); Dor (2); Ramo de ar (3); Febre (4); Diarreia (5); Vômito (6)	(1) Banho: Ver arruda; (2) Chá: ferve folhas da catinga-de-mulata de mulata e toma com um comprimido de Sulfadiazina; (3) Fumenação: Ver cravo; (4) Chá: ferve as folhas da catinga-de-mulata de mulata e toma durante o dia todo, até passar a febre; (5) Chá: coloco a folha da catinga-de-mulata de mulata pra ferver na água de 2 à 3 minutos. Tomar de 3 vezes ao dia, de dois à três dias; (6) Chá: coloco a folha da catinga-de-mulata de mulata para ferver a água de 2 a 3 minutos. Tomar de 3 vezes ao dia, de dois a três dias. Junto com medicamento para vômito.
Lamiaceae	Uriza	<i>Pogostemon heyneanus</i> Benth.	Folha	Febre (1); Dor de cabeça (2)	(1) Banho: soca ou ferve as folhas com arumã de cheiro, feijão-coandô, folha de laranja da terra, limão, trevo, japana e favacão, deixa no sereno, tem que fazer hoje para banhar amanhã de manhã cedo; (2) <i>In natura</i> : soca e tira o sumo da folha da uriza e passa na testa. Ou Choque: Ver arruda. Ou Chá: ferve a uriza com arruda e hortelã.
Lamiaceae	Hortelã	<i>Mentha pulegium</i> L.	Ramos foliares	Dor de vento (1); Dor de cabeça (2); Dentição (3); Diarreia (4); Gripe (5); Dor de barriga (6)	(1) Chá: ferve as folhas junto com chama e toma de duas a à três vezes a dia; (2) <i>In natura</i> : ver uriza; (3) Chá: ferver as folhas do hortelã e os galhos também mistura com a planta chama e com sulfadiazina;(4) Chá: ferve as folhas do hortelã e os galhos coloca no chá plantas como catinga-de-mulata de mulata, marupazinho, ou raiz da chicória, pode tomar com o elixir paregórico ou com Imosec. Ou Chá: ver açai; (5) Chá: ferve só as folhas de hortelã e toma no lugar da água; (6) Chá: a folha de hortelã e os galinhos também ferve junto com a planta sete-dor pode tomar junto com o chá Ibuprofeno.
Lamiaceae	Ortiga cheirosa/Ortiga/ Hortelã do maranhão	<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng.	Folha	Dor de cabeça (1); Izipra/inchaço (2); Dor no estômago (3); Gripe (4); Expectorante (5)	(1) Choque: tem que colocar na cachaça a folha da ortiga e a flor (brácteas e flor) do vindicáa; (2) <i>In natura</i> : murcha a folha da ortiga no fogo depois esfrega na não como se fosse enrolar a folha e põe onde estiver inchado ou com a izipra; (3) Chá: Põe para ferver a folha e tomo o chá; (4) Chá: Ferve a folha com água, mel de abelha e alho e toma duas vezes ao dia; (5) Xarope: Coloco açúcar, alho, meio de limão e a folha da hortelã do maranhão quando ela murcha na panela e coloco dentro de um vidro tem que tomar uma colher quatro vezes ao dia.

Cont.



Família	Nome vernacular	Nome científico	Parte utilizada	Indicação	Modo de preparo
Lamiaceae	Magirona branca	<i>Origanum majorana</i> L.	Galho	Tirar aborrecimento de criança	Banho: Esfrega a folha na água e deixa no sol para ficar cheiroso e depois banha a criança.
Lamiaceae	Anador	<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews	Folha	Dor de barriga (1); Cólica menstrual (2); Problemas de estômago (3); Dores em geral (4)	(1) Chá: ferve as folhas do anador e de sete-dores e a raiz do açaizeiro; (2) Chá: faz o chá com as folhas do anador e coa e toma com a pílula anador ou doril; (3) Chá: coloca no fogo pra ferver a folha do anador; do sete dor e do boldo; (4) Chá: ferve as folhas do anador por 15 minutos e toma três vezes ao dia.
Lamiaceae	Magirona camilitana	<i>Origanum vulgare</i> L.	Ramos foliares	Murrudá	Chá: ver marupazinho
Lamiaceae	Sete-dores	<i>Plectranthus neochilus</i> Schltr.	Folha	Gases (1); Problemas no fígado (2); Cólica menstrual (3); Problema de estômago (4); Dor de barriga (5); Dores em geral/Dores de baque (6); Diarreia (7)	(1) Chá: coloco no fogo a folha do sete dores com a de sacaca e de sicurijú ou faz o chá só com sete dores; (2) Chá: fervo a folha do sete dores e depois de pronto pingo extrato hepático; (3) Chá: coloca as folha pra ferver na água e coloco atroveram em gota ou faço o chá só com as folhas do sete dor; (4) Chá: ver anador ou Chá: ver boldo; (5) Chá: ver arruda. Ou Chá: ver hortelã; (6) Unguento: unguento com a folha do sete dores murchada no fogo e folha de penicilina e coloca azeite de andiroba, cera de Holanda (gordura de carneiro); (7) Chá: ferve só a folha do sete dor e toma.
Lamiaceae	Favacão	<i>Ocimum gratissimum</i> L.	Ramos foliares	Febre	Banho: ver uriza.
Lamiaceae	Mirra	<i>Tetradenia riparia</i> (Hochst.) Codd	Folha	Dor	Chá: põe as folha pra ferver na água e bebe até aliviar o "sofrer"
Lauraceae	Abacate	<i>Persea americana</i> Mill.	Semente	Pra engravidar (1); Engordar (2)	(1) Garrafada: ver erva-doce; (2) Garrafada: mistura com vinho ou refrigerante, queijo ralado, caroço do abacate seco ralado, noz moscada, pó de guaraná e ovo de codorna.
Lauraceae	Canela	<i>Cinnamomum verum</i> J. Pres.	Ramos foliares	Pressão baixa	Chá: ferve a folha com água, mas pode misturar com leite.
Malvaceae	Algodão	<i>Gossypium arboreum</i> L.	Folha	Inflamação nos olhos (1); Dor de urina (2)	(1) <i>In natura</i> : Ver pirarucu; (2) Chá: ver quebra-pedra.
Moraceae	Caxinguba	<i>Ficus</i> sp.	Casca	Verminose	Chá: corto a casca bem "miudinho" e ferve, adulto toma puro e pra criança mistura com leite.
Phyllantaceae	Quebra pedra	<i>Phyllanthus niruri</i> L.	Ramos foliares	Pedra nos rins (1); Infecção urinária (2)	(1) Chá: ferve as folhas do quebra pedra e a "cana" da canafixe na água; (2) Chá: ferve o chá com canafixe as folhas da barba de paca, quebra- pedra, japana, folha de algodão, raiz do açaí e barbatimão.
Phytolacaceae	Mucuracá	<i>Petiveria alliacea</i> L.	Folha	Asma	Chá: coloco água e a folha junto pra ferver.
Piperaceae	Óleo elétrico de planta	<i>Piper callosum</i> Ruiz & Pav.	Folha	Ramo de ar	Fumenação: Ver cravo.
Piperaceae	Comida de jabuti	<i>Peperomia pellucida</i> (L.) Kunth	Folha/Ritidoma/ Látex	Gastrite (1); Izipra (2); Cicatrização (3)	(1) Chá: ferve a folha para gastrite; (2) Choque: eu raspo o "tronco" e esses pedacinho dele coloco na cachaça para izipra; (3) <i>In natura</i> : o látex é colocado em cima do ferimento pra sarar.
Plantaginaceae	Tançage	<i>Plantago major</i> L.	Folha	Infecção em geral (1); Gripe (2)	(1) Chá: ver pariri; (2) Chá: ferve as folhas da tançage na água e toma três vezes no dia.
Plantaginaceae	Pataqueira	<i>Conohea scoparioides</i> (Cham. & Schltdl.) Benth.	Folha	Gripe	Banho: ver japana.
Poaceae	Capim marinho	<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf	Folha	Constipação (1); Pressão alta (2)	(1) Banho: ver limão; (2) Chá: esfrega a folha na mão e coloca para ferver a água ou pode esperar a água ferver e depois colocar a folha dentro e toma.
Poaceae	Capim santo	<i>Cymbopogon nardus</i> (L.) Rendle	Folha	Pressão Baixa (1); Constipação (2)	(1) Chá: esfrega a folha na água e coloca pra ferver; (2) Banho: ver limão.
Portulacaceae	Amor crescido	<i>Portulaca pilosa</i> L.	Folha	Inflamação de ferimento (1); Dor (2); Problema no estômago (3)	(1) <i>In natura</i> : bate as folhas e põe o leite onde está ferido. Ou Unguento: ver pirarucu; (2) Chá: coloca no fogo as folhas do amor-crescido com erva-cidreira e água; (3) Chá: ver sicuriju.
Rutaceae	Arruda	<i>Ruta graveolens</i> L.	Ramos foliares	Ramo de ar (1); Dor de cabeça (2); Mau olhado (3); Dor de barriga (4); Dor de garganta (5)	(1) Fumentações: Ver cravo; (2) Banho: bate as folhas da arruda para tirar o sumo e põe na água para banhar a cabeça, só pela manhã, pois o corpo está frio. Depois de duas horas lava com água normal. Ou Chá: Ferve a arruda e põe um pingo de água de colônia. Toma até passar a dor. Ou choque: soca as folhas de arruda com uriza e mistura em cachaça e cânfora. Pode colocar de manhã e de tarde; (3) Banho: esfrega a arruda na água com as folhas de malva-rosa e de catinga-de-mulata de mulata e banha a cabeça. É bom fazer todos os dias. Ou: Coloca uma palma (ramo foliar) dentro do cabelo; (4) Chá: ferve as folhas de arruda, hortelã e sete dores. Toma três vezes ao dia até ficar melhor; (5) Ferve as folhas da arruda e da hortelã, depois coa. Toma uma vez ao dia até melhorar.

Cont.

Uso e diversidade de plantas medicinais em uma comunidade quilombola na Amazônia Oriental,  
Abaetetuba, Pará

Família	Nome vernacular	Nome científico	Parte utilizada	Indicação	Modo de preparo
Rutaceae	Limão	<i>Citrus aurantifolia</i> Swingle	Folha / Fruto	Tosse (1); Constipação (2); Febre (constipação) (3); Inflamação na garganta (4)	(1) Xarope: assa o limão na brasa depois espreme ele no mel de abelha e põe alho; (2) Banho: para constipação coloca a folha do limão coloca, folha laranja da terra, capim marinho, capim santo, e feijão-coandô coloca para ferver e depois deixa no sereno para banhar a cabeça de manhã; (3) Banho:Ver uriza; (4) <i>In natura</i> : espreme um limão com água e açúcar e bebe uma vez no dia.
Rutaceae	Laranjeira	<i>Citrus</i> sp.	Folha	Dor de barriga (1); Cansaço (2); Gripe (3)	(1) Chá: coloca as folhas de salva, de laranjeira e a raiz do açaízeiro para ferver na água e toma até passar; (2) Chá: ver coramina; (3) Banho: para gripe amassa a folha na água e deixa no sereno usa na cabeça de manhã.
Rutaceae	Laranja da Terra	<i>Citrus</i> sp.	Folha	Febre (1); Constipação (2)	(1) Banho: ver uriza; (2) Banho: ver limão.
Simaroubaceae	Quina	<i>Quassia amara</i> L.	Folha	Abortiva (1); Cólica menstrual (2); Suspensão (3); Paludismo (4)	(1) Suco: soca as folhas na água e toma de madrugada, também pode mistura com cachaça ao invés de água; (2) Chá: rasga a folha ao meio e ferve na água e toma duas vezes ao dia; (3) Chá: ferve as folhas de quina com breco de lué. Tem que tomar de madrugada porque o útero está limpo; (4) Banho: folhas de quina com breco de lué na água fria. Toma uma vez ao dia.
Verbenaceae	Erva cidreira	<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E.Br. ex P. Wilson	Folha	Insônia (1); Cansaço (2); Pressão alta (3)	(1) Chá: Pões pra ferver as folhas de erva cidreira e adoça com açúcar; (2) Chá: ver coramina; (3) Chá: deixa a folha secar no sol e depois ferve na água, pode tomar o comprimido para pressão junto.
Vitaceae	Pucá de plantas/ Cipó pucá	<i>Cissus verticillata</i> (L.) Nicolson & C.E. Jarvis	Folha	Ramo de ar	Fumenação:Ver cravo.
Xanthorrhoeaceae	Babosa	<i>Aloe vera</i> (L.) Burm. f.	Folha (mucilagem)	Infecção urinária (1); Cicatrização (2); Problemas de estômago (3)	(1) Suco: abre a folha e tira aquela massa de dentro, bate no liquidificador, coloca pirarucu junto e toma de duas à três vezes ao dia; (2) <i>In natura</i> : para cicatrização coloca a folha para murchar no fogo e tira a resina e coloca sobre o ferimento ou pode só abrir a folha e raspar a resina e colocar diretamente sobre o ferimento. Ou: Pode não levar ao fogo e colocar a resina fresca no ferimento; (3) Suco: abre a folha retira aquela gosma de dentro e coloca no liquidificador e bate com mel de abelha, e toma duas vezes ao dia pode tomar todos os dias.
Zingiberaceae	Gengibre	<i>Zingiber officinale</i> Roscoe	Raiz	Reumatismo	Choque: Rala a raiz do gengibre mistura no álcool põe cânfora e passa no local da dor.
Zingiberaceae	Vindicá	<i>Alpinia purpurata</i> (Vieill.) K. Schum.	Folha e flor	Dor de cabeça	Choque: ver ortiga
Zingiberaceae	Borboleta	<i>Hedychium coronarium</i> J. Koenig	Raiz	Inchaço (1); Abumina (2)	(1) Banho: deixo na água a batatinha em pedacinho e depois banha principalmente grávidas; (2) Chá: corta a batatinha (raiz) e ferve na água.
Indeterminada	Chama	Não identificada	Folha	Dor de barriga (1); Febre de criança (2); Dentição (3); Gases (4)	(1) Chá: ferve as folhas e mistura com cinco gotas de buscopam para criança e 12 pra adulto. Toma três vezes ao dia; (2) Chá: coloca as folha na água e depois no fogo e mistura com a metade de uma AAS; (3) Chá: ver hortelã; (4) Chá: ver hortelã.
Indeterminada	Erva-doce	Não identificada	Folha	Infecção urinária (1); Gases (2); Regulador uterino (3); Problemas cardíacos (4); Nervos/disfunção erétil (5); Pra engravidar (Tratamento conceutivo) (6)	(1) <i>In natura</i> : água pedaços da casca de verônica e erva-doce. Toma feito água. Pode tomar sempre pra prevenir; (2) Chá: ferve as folhas com o marupazinho (bulbo) e fica tomando feito água até melhorar; (3) Garrafada: com dois litros de vinho a casca do jatobá, casca do mururé, casca do acapú, casca doce, casca preciosa, aroeira do Pará, barbatimão, noz moscada, pau surí, queijo ralado, erva doce e seis ovos de codorna; (4) Chá: ver coramina; (5) Chá: coloca pra ferver a casca do mururé com erva doce e toma antes de dormir; (6) Garrafada: coloca no refrigerante ou no vinho a casca do barbatimão, do jatobá, casca doce, casca preciosa, aroeira do Pará, seis ovos de codorna, caroço de abacate seco ralado, uma colher de erva-doce, 1 colher de queijo ralado, uma colher de pó de guaraná.
Indeterminada	Ariazinho	Não identificada	Raiz (batatinha)	Dor de urina	Chá: Bate a "batatinha" e põe na água pra ferver junto com a "cana" do canafixe.
Indeterminada	Manjericão esturaque	Não coletada	Ramos foliares	Gripe	Chá: ver chicória.
Indeterminada	Espinheira santa	Não identificada	Folha	Problema de estômago	Chá: ver boldo.
Indeterminada	Sabugueiro	Não coletada	Folha	Sarampo	Chá: fervia a folha na água e junto tinha que curar a garganta com mel de abelha.

Cont.

Família	Nome vernacular	Nome científico	Parte utilizada	Indicação	Modo de preparo
Indeterminada	Barbatimão	Não identificada	Casca	Infecção urinária (1); Infecção (2); Regulador uterino (3); Para engravidar (4)	(1) Chá: Ver jucá. Ou Chá: ver quebra-pedra; (2) Garrafada: mistura com vinho ou refrigerante a casca da reforcina, casca do barbatimão, casca do mururé, casca do jatobá e casca do acapu; (3) Garrafada: ver erva-doce; (4) Garrafada: ver erva-doce.
Indeterminada	Salva	Não coletada	Folha	Dor (1); Dor de barriga (2)	(1) Chá: ferve as folhas e toma com paracetamol; (2) Chá: ver laranja.
Indeterminada	Banca esteio	Não identificada	Raiz	Febre	Banho: coloca a raiz na água e banha a pessoa com febre.
Indeterminada	Reforcina	Não identificada	Casca	Infecção	Garrafada: ver barbatimão.
Indeterminada	Mururé	Não identificada	Casca	Infecção (1); Regulador uterino (2); Emagrecer/ Diabetes (3); Nervos/disfunção erétil (4)	(1) Garrafada: ver barbatimão; (2) Garrafada: ver erva-doce; (3) Garrafada: ver sucúuba; (4) Chá: ver erva-doce.
Indeterminada	Pau do Curupira	Não identificada	Casca	Emagrecer/Diabetes	Garrafada: ver sucúuba
Indeterminada	Pau Surí	Não identificada	Casca	Emagrecer/ Diabetes (1); Regulador uterino (2)	(1) Garrafada: ver sucúuba; (2) Garrafada: ver erva-doce.
Indeterminada	Casca doce	Não identificada	Casca	Pra engravidar (1); Regulador uterino (2)	(1) Garrafada: ver erva-doce; (2) Garrafada: ver erva-doce.
Indeterminada	Casca preciosa	Não identificada	Casca	Pra engravidar (1); Regulador uterino (2)	(1) Garrafada: ver erva-doce; (2) Garrafada: ver erva-doce.
Indeterminada	Aroeira do Pará	Não identificada	Casca	Pra engravidar (1); Regulador uterino (2)	(1) Garrafada: ver erva-doce; (2) Garrafada: ver erva-doce.

## Conclusão

A pesquisa mostrou aspectos dos conhecimentos e práticas relacionados às plantas de uso terapêutico na comunidade quilombola Tauerá-Açu. E mesmo se tratando em uma pesquisa realizada com um universo amostral formado em sua maioria por mulheres, foram elencadas plantas com os mais diversos usos na medicina tradicional, o que demonstra que estas mulheres apresentam um conhecimento amplo e diverso. Quanto aos especialistas tradicionais, ressalta-se o relevante papel que assumem junto a esta comunidade, pelos reconhecidos saberes acumulados sobre as plantas medicinais das matas de terra firme e várzea. Ademais, as trocas de conhecimentos e recursos entre eles contribuem para o enriquecimento e manutenção do deste importante acervo da cultura quilombola.

A diversidade de plantas medicinais conhecidas e utilizadas para a cura e prevenção de doenças, pelos moradores da comunidade de Tauerá-Açu é alta em relação a estudos realizados, além do que, não houve espécies dominantes na comunidade; Pela análise do Índice de Saliência Cultural, foi possível constatar o alto número de espécies de origem africana ocupando as primeiras posições na *rank* do ISC, e que a flora introduzida africana não só contribuiu para a composição da fitofarmacopeia local, como também tem uma importância cultural significativa para a comunidade.

Espera-se que o registro e a documentação dos saberes etnobotânicos relacionados à medicina tradicional em Tauerá-Açu, seja apreendido por esta comunidade quilombola, como uma contribuição à preservação da memória coletiva e valorização da medicina tradicional dentro da comunidade. De maneira mais ampla, os saberes aqui documentados podem contribuir para subsidiar políticas de saúde, cultural e ambiental voltadas aos territórios quilombolas.

## Referências Bibliográficas

- AFRICAN PLANTS DATABASE. African Plants Database. Conservatoire et Jardin Botaniques de la Ville de Genève; South African National Biodiversity Institute, Pretoria. Disponível em: <http://www.ville-ge.ch/musinfo/bd/cjb/africa/>.
- ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P.; NETO LINS, E. M. F. Seleção e escolha dos participantes da pesquisa. In: ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P.; CUNHA, L. V. F. C. (Org.). **Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etno-ecológica**. Recife: NUPPEA, 2010. p. 48.

- ALEXIADES, M. N. **Select guidelines for Ethnobotanical research: A Field Manual**. New York: The New York Botanical Garden, p.53-54, 1996.
- ALMEIDA, C. F. C. B. R.; ALBUQUERQUE, U. P. Uso e conservação de plantas e animais medicinais no estado de Pernambuco (Nordeste do Brasil): Um estudo de caso. **Interiencia**. n. 27, v.6, p.276-285, 2002.
- ALMEIDA, S. M.; AMARAL, D. D.; SILVA, A. S. L. Floristic analysis and structure of tidal flooded forests in the amazonian estuary. **Acta Amazonica**. v. 34, p. 513-524, 2004.
- ALMEIDA, V. S.; BANDEIRA, F. P. S. F. O significado cultural do uso de plantas da caatinga pelos quilombolas do Raso da Catarina, município de Jeremoabo, Bahia, Brasil. **Rodriguésia**, n.61, v.2, p.195-209, 2010.
- AMOROZO, M. C. M. Algumas notas adicionais sobre o emprego de plantas e outros produtos com fins terapêuticos pela população cabocla do Município de Barcarena, PA, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, v.13, p.192-213, 1997.
- AMOROZO, M. C. M.; GÉLY, A. Uso de plantas medicinais por caboclos do Baixo Amazonas. Barcarena, Pa, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Série Botânica**, Belém, v. 4, n. 1, p. 4, 1988.
- ANGIOSPERM PHYLOGENY GROUP III. An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for the orders and families of flowering plants: APG III. **Botanical Journal of the Linnean Society**, n. 161, p. 105-121, 2009.
- BEGOSI, A. Use of ecological methods in ethnobotany: diversity indices. **Economic Botany**. v. 50, n.3, p. 280-289, 1996.
- BERNARD, H. R. **Research methods in anthropology: qualitative and quantitative approaches** 4th ed. Lanham: AltaMiraPress, 213-450p. 2006.
- BORGATTI, S.P. **ANTHROPAC 4.0**. Methods Guide. Columbia Analytic Technologies. 1992.
- CAMARGO, M. T. L. A. **Plantas medicinais e de rituais afro-brasileiro II: estudo etnofarmacobotânico**. São Paulo. Ícone. 1998, 229 p.
- CARNEY, J. Seeds of Memory: Botanical Legacies of the African Diaspora In: VOEKS, R. RASHFORD, J. (Org.) **African Ethnobotany in the Americas**. Editora Springer. 2013, 417p.
- COELHO-FERREIRA, M. Medicinal knowledge and plant utilization in an Amazonian coastal community of Marudá, Pará State (Brazil). **Journal of Ethnopharmacology**, n. 126, p.159-175, 2009.
- COLEY, P. D.; BRYANT, J. P.; CHAPIN, F. S. Resource availability and plant anti-herbivore defense. **Science**. v. 230, p. 895-899, 1985.
- DIEGUES, A. C. (Org.) **Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos**. São Paulo: Hucitec, 2000, 286p.
- DI STASI, L. C.; HIRUMA-LIMA; C. A., SOUZA-BRITO, A. R. M.; MARIO, T. A.; SANTOS, C. M. **Plantas medicinais na Amazônia e na Mata Atlântica**. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Editora UNESP, 2002. 604 p.
- FLORA DO BRASIL 2020 EM CONSTRUÇÃO. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/>
- FORLINE, L.; FURTADO, L. G. Populações Tradicionais na Amazônia: por uma revisão de conceitos e agendas estratégicas. **Boletim Museu Paraense Emílio Goeldi. Série Antropologia**. v. 18, n. 2, p.202-227, 2002.

- FRANCO, E. A. P.; BARROS, R. F. M. Uso e diversidade de plantas medicinais no Quilombo Olho D'água dos Pires, Esperantina, Piauí. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, Botucatu, v. 8, n. 3, p.78-88, 2006.
- FRAJE, T. J. P.; PEREIRA, H. S., WITCKOSKI, A. C. **Comunidades ribeirinhas amazônicas: modos de vida e uso dos recursos naturais**. Manaus: EDUA, 2007.224p.
- FREITAS, J. C.; FERNANDES, M. E. B. Uso de plantas medicinais pela comunidade de Enfarrusca, Bragança, Pará. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Ciências Naturais**. Belém. v. 1, n. 3, p. 11-26, 2006.
- FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES, 2015. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/>. Acesso em 27 de Dezembro de 2015.
- GOMES, T. B.; BANDEIRA, F. P. S. F. Uso e diversidade de plantas medicinais em uma comunidade quilombola no Raso da Catarina, Bahia. **Acta Botanica Brasilica**. v. 26, n. 4, p. 796-809, 2012.
- GUARIM NETO, G.; AMARAL, C. N. Aspectos etnobotânicos de quintais tradicionais dos moradores de Rosário Oeste, Mato Grosso, Brasil. **Polibotânica**. n. 29, p. 191-212, 2010.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. Município de Abaetetuba, 2012. Disponível em: [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br). Acesso em 05 janeiro de 2016a.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. Manual Técnico da Vegetação Brasileira. **Série Manuais Técnicos em Geociências**. 2ª edição revista e ampliada. IBGE, Rio de Janeiro, 2012.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. Município de Abaetetuba, Censo 2010. Disponível em: [http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/websevice/frm\\_pr\\_hom\\_mul.php?codigo=150010](http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/websevice/frm_pr_hom_mul.php?codigo=150010). Acesso em 05 janeiro de 2016b.
- JARDIM, M.A.G.; ZOGHBI, M.G.B. (orgs.). **A flora da RESEX Chocóaré-Mato Grosso (PA): diversidade e usos**. Belém: MPEG, 2008. 144 p.
- JUDD, W. S., CAMPBELL, C. S., KELLOGG, E. A., STEVENS, P. F., DONOGHUE, M. J. **Sistemática Vegetal: um enfoque filogenético**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009. 612p.
- KREBS, C. J. **Ecological Methodology**. Harper and Row Publishers, New York, 1989. 654p.
- LIMA, M. G. M.; PEREIRA, E. M. B. Populações tradicionais e conflitos territoriais na Amazônia. **Geografias**. Belo Horizonte. v. 3, n.1, p. 107-119, 2007.
- LIMA, P. G.; COELHO-FERREIRA, M.; SANTOS, R. S. A floresta na feira: plantas medicinais do município de Itaituba, Pará, Brasil. **Fragmentos de cultura**. Goiânia. v. 24, n. 2, p. 285-301, 2014.
- LUZ, H. S.; SANTOS, A. C. G.; LIMA, F. C.; MACHADO, K. R. G. Prospecção fitoquímica de *Himatanthus drasticus* Plumel (Apocynaceae), da mesorregião leste maranhense. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**. Campinas. v. 16, n. 3, p. 657-662, 2014.
- MAIA, J. G. S.; ZOGHBI, M. G. B.; ANDRADE, E. H. A. **Plantas aromáticas na Amazônia e seus óleos essenciais**. Museu Paraense Emílio Goeldi, 2000, 186p.
- MARTINS, A. G.; ROSÁRIO D. L.; BARROS, M. N.; JARDIM, M. A. G. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais, alimentares e tóxicas da Ilha do Combu, Município de Belém, Estado do Pará. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v. 86, p. 31-30. 2005.
- MING, L. C. Coleta de plantas medicinais. In: DI STASI, L.C. (Org.). **Plantas Medicinais: Arte e Ciência – Um Guia de Estudo Interdisciplinar**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, p. 47-68, 1996.
- MONTELES, R.; PINHEIRO, C. U. B. Plantas medicinais em um quilombo maranhense: uma perspectiva etnobotânica. **Revista de Biologia e Ciências da Terra**, v. 7, n. 2, p. 1-12, 2007.
- MORET, E. S. Trans-Atlantic Diaspora Ethnobotany: Legacies of West African and Iberian Mediterranean Migration in Central Cuba. In: VOEKS, R.; RASHFORD, J. (Org) **African Ethnobotany in the Americas**. Editora Springer. 2013, 417p.
- MOTA, R. S.; DIAS, H.M. Quilombolas e recursos florestais medicinais no sul da Bahia, Brasil. **Interações, Campo Grande**. v. 13, n. 2, p. 151-159, 2012.
- NAHUM, J. S. De ribeirinha a quilombola: dinâmica territorial de comunidades rurais na Amazônia paraense. **Campo Território: revista de geografia agrária**, v. 6, n. 12, p. 79-103, 2011.
- NASCIMENTO, J. M.; CONCEIÇÃO, G. M. Plantas medicinais e indicações terapêuticas da comunidade quilombola Olho d'água do Raposo, Caxias, Maranhão, Brasil. **BioFar: Revista Brasileira de Biologia e Farmácia**, v. 06, n. 02, p. 138-151, 2011.
- OLIVEIRA, D. R.; KRETTLI, A. U.; AGUIAR, A. C. C.; LEITÃO, G. G.; VIEIRA, M. N.; MARTINS, K. S.; LEITÃO S. G. Ethnopharmacological evaluation of medicinal plants used against malaria by Quilombola Communities from Oriximiná, Brazil. **Jornal de Etnofarmacologia**. v. 173, p. 424 - 434, 2015.
- OLIVEIRA, L. R. Uso popular de plantas medicinais por mulheres da comunidade quilombola de Furadinho em Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. **Revista Verde** v. 10, n. 3, p. 25 - 31, 2015.
- OLIVER-BEVER, B. **Medicinal plants in tropical West Africa**. Cambridge University Press, p. 1-355, 1986.
- PEDROLLO, C. T.; KINUPP, V. F.; SHEPARD, G. JR.; HEINRICHD, M. Medicinal plants at Rio Jauaperi, Brazilian Amazon: Ethnobotanical survey and environmental conservation. **Journal of Ethnopharmacology**. v. 186, p. 111-124, 2016.
- QUINLAN, M. Considerations for collecting Freelists in the Field: Examples from Ethnobotany. **Field Methods**. v.17, p. 1-16, 2005.
- REZENDE, E. A., RIBEIRO, M.T.F. Conhecimento tradicional, plantas medicinais e propriedade intelectual: biopirataria ou bioprospecção? **Revista Brasileira Plantas Medicinais**. v. 7, n. 3, p. 37-44, 2005.
- RODRIGUES, D. S.; SOARES, A. J. S.; SANTANA, M. M.. Levantamento etnobotânico das plantas medicinais na comunidade remanescente de quilombos Pedro Cubas, Eldorado-SP. In: BARBOZA DA SILVA, R.; MING, L.C. **Relatos de pesquisas e outras experiências no Vale do Ribeira**. UNESP, 2010. 313p.
- RODRIGUES, E. Plants and Animals Utilized as Medicines in the Jaú National Park (JNP), Brazilian Amazon **Phytotherapy**. n. 20, p. 378-391, 2006.
- SALES, G. P. S., ALBUQUERQUE, H.N., CAVALCANTI, M.L.F. Estudo do uso de plantas medicinais pela comunidade quilombola Senhor do Bonfim – Areia-PB. **Revista de Biologia e Ciências da Terra**. Supl. Esp., n. 1, p. 33 - 36, 2009.
- SALLES, V. O **Negro no Pará: sob o regime da escravidão**. Rio de Janeiro. Fundação Getúlio Vargas. Universidade Federal do Pará. 1971, 336p.
- SANTANA, A. F. O real e a fantasia da identidade quilombola. **Grau zero-Revista de crítica cultural**, v. 2, n. 1, p. 131-158, 2014.
- SCUDELLER, V. V.; VEIGA, J. B.; ARAÚJO-JORGE, L. H. Etnoconhecimento de plantas de uso medicinal nas comunidades São João do Tupé e Central (Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Tupé). **Biotupé: Meio Físico, Diversidade Biológica e Sociocultural do Baixo Rio Negro, Amazônia Central**. UEA Edições, Manaus, v. 2, 2009.
- SECRETARIA DE ESTADO DE PLANEJAMENTO, ORÇAMENTO E FINAÇAS – SEPOF. **Estatística municipal – Abaetetuba**. 47p. Disponível em: [http://www.sepof.pa.gov.br/estatistica/ESTATISTICAS\\_MUNICIPAIS/Me\\_sorr\\_Nordeste/Cameta/Abaetetuba.pdf](http://www.sepof.pa.gov.br/estatistica/ESTATISTICAS_MUNICIPAIS/Me_sorr_Nordeste/Cameta/Abaetetuba.pdf). Acesso em janeiro de 2016.
- SILVA, N. C. B.; REGIS, A. C.; ESQUIBEL, M. A.; SANTOS, J. E. S.; ALMEIDA, M.Z. Uso de plantas medicinais na comunidade quilombola da Barra II – Bahia, Brasil. **Boletín Latinoamericano y Del Caribe de Plantas Medicinales y Aromáticas**. V. 11, n. 5, p. 435 - 453, 2012.
- SOLADOYE, M. O.; OYESIKU, O. O. Taxonomy of Nigella Medicinal Plants. In: ODUGBEMI, T. (Org.). **A textbook of medicinal plants from Nigeria**. University of Lagos Press, 2008. 119p.
- SOUZA FILHO, A. P. S.; ALVES, S. M. Potencial alelopático de plantas de acapu (*Voacappou americana*): Efeitos sobre plantas daninhas de pastagem. **Planta Daninha**. v. 18, n. 3, p. 435-441, 2000.
- TUGUME, P.; KAKUDIDI E. K.; BUYINZA M.; NAMAALWA J.; KAMATENESI M.; MUCUNGUZI P.; KALEMA J. Ethnobotanical survey of medicinal plant species used by communities around Mabira Central Forest Reserve, Uganda. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**. v. 12, n. 5, p. 1-28, 2016.
- TROPICOS. Tropicos.org. Missouri Botanical Garden. 2014. Disponível em: [www.tropicos.org](http://www.tropicos.org).
- URSO, V.; SIGNORINI, M. A.; TONINI, M.; BRUSCHI, P. Wild medicinal and food plants used by communities living in Mopane woodlands of Southern Angola: Results of an ethnobotanical field investigation. **Journal of Ethnopharmacology**. v. 177, p. 126-139, 2016.
- VÁSQUEZ, S. P. F. MENDONÇA, M. S. NODA, S. N. Etnobotânica de plantas medicinais em comunidades ribeirinhas do Município de Manacapuru, Amazonas, Brasil. **Acta Amazônica**. v. 44, n. 4, p.457-472, 2014.
- VOEKS, R. RASHFORD, J. (Org) **African Ethnobotany in the Americas**. Editora Springer. 2013, 417p.
- VOEKS, R. Traditions in Transition: African Diaspora Ethnobotany in Lowland South America. In: ALEXIADES, M. N. **Mobility and migration in indigenous Amazonia: contemporary ethnoecological perspectives**. New York, Oxford, Berghahn, 2009.